

# I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NO SERVIÇO SOCIAL

## AS “GINGAS” ANTIRRACISTAS DE CLÓVIS MOURA NA RESISTÊNCIA À DITADURA EMPRESARIAL-MILITAR (1964-1985)

Sessão temática: Questão social e questão étnico-racial

Edson Teixeira da Silva Júnior (UFF)<sup>1</sup>  
ejunior@id.uff.br

**RESUMO:** Este texto reúne dados parciais de uma pesquisa de iniciação científica em curso, cujo objetivo central é ampliar a memória da resistência à Ditadura Empresarial-Militar (1964-1985) tendo como objeto de análise as fontes primárias dos arquivos da repressão policial e política da ditadura que têm no sociólogo Clóvis Moura (1925-2003) um dos principais alvos de investigação.

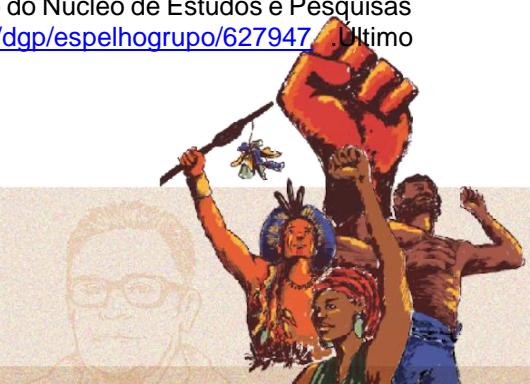
**PALAVRAS-CHAVE:** Clóvis Moura. Antirracismo. Ditadura. Brasil.

### INTRODUÇÃO E METODOLOGIA.

As “gingas” antirracistas de Clóvis Moura na resistência à Ditadura Empresarial-Militar (1964-1985) é um projeto de pesquisa, que surge do acúmulo de debates no âmbito do NEAB - Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-Brasileiro e tem como objetivos gerais: examinar as medidas coercitivas desenvolvidas pela ditadura brasileira no tocante ao controle da informação, segurança e repressão; ampliar a memória da resistência à Ditadura Empresarial-Militar tendo como objeto de análise as lutas antirracistas na década de 1970 e 1980 e analisar como as “questões étnico-raciais” eram debatidas pelos órgãos de repressão policial e política da ditadura a partir das investigações sobre o sociólogo Clóvis Moura.

Os objetivos específicos do projeto em questão, consistem em problematizar a concepção de racismo e “democracia racial” da ditadura no Brasil; analisar como os documentos investigativos sobre Clóvis Moura, reunidos pela repressão policial e política, permitem compreender os embates antirracistas daquele período e examinar a correlação da *práxis* de Clóvis Moura com o protesto

<sup>1</sup> Professor Associado IV do Departamento Interdisciplinar da Universidade Federal Fluminense (UFF), campus Rio das Ostras, Curso de Bacharelado em Serviço Social. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afrobrasileiro (NEAB) da mesma instituição. Ver: <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/627947>. Último acesso em 28/04/2025.



# I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NO SERVIÇO SOCIAL

negro, sobretudo durante a redemocratização (décadas de 1970 e 1980), visando contribuir com os desafios do tempo presente no enfrentamento ao racismo.

Nossa hipótese central é que os registros documentais elaborados pelos órgãos repressivos da ditadura, quando relacionados a *práxis* antirracista de Clóvis Moura, evidenciam – entre outras possibilidades - a centralidade da “questão étnico-racial” no entendimento e debate da “questão social”, no Brasil.

As principais fontes de pesquisa estão reunidas no Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN)<sup>2</sup>, que é composto por fontes primárias de vários órgãos de inteligência e repressão do Estado. Dentre esses órgãos destaca-se o SNI (Serviço Nacional de Informações), a Divisão de Segurança e Informações do Ministério das Relações Exteriores, a Divisão de Inteligência do Departamento de Polícia Federal, o Centro de Informações do Exterior do Ministério das Relações Exteriores, o Centro de Informações da Aeronáutica (CISA) e o Centro de Informações da Marinha (Cenimar), dentre outros.

De modo complementar, utilizamos o acervo pessoal doado por sua filha, Soraya Moura, ao Centro de Documentação e Memória da UNESP (CEDEM - Universidade Estadual Paulista), que reúne cartas, artigos de jornais, poemas e outros registros que Clóvis Moura arquivou ao longo da sua trajetória. Esse acervo está disponibilizado em formato digital nas plataformas do CEDEM<sup>3</sup>.

A consulta a esses arquivos digitais não exclui a possibilidade de pesquisa em outros arquivos que contenham acervos sobre a atuação dos órgãos repressivos da ditadura, como o Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, o Arquivo Público do Estado de São Paulo e os arquivos da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP: Centro de Memória da Universidade - CMU e Arquivo Edgard Leuenroth – Centro de Pesquisa e Documentação Social - AEL, dentre outros.

Por fim, a pesquisa prevê uma metodologia de aproximação entre a produção bibliográfica de autoria de Clóvis Moura, com as citadas fontes primárias na tentativa de ampliar sua trajetória intelectual, suas manifestações, as críticas antirracistas daquele período e como contribuem para o enfrentamento do racismo na atualidade.

## RESULTADOS.

<sup>2</sup> SIAN, endereço eletrônico: <https://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/login.asp>. Acesso em 29/05/2025.

<sup>3</sup> Documentos Históricos: papéis guardam a história do movimento negro brasileiro. Ver: <https://www2.unesp.br/portal#/noticia/818/documentos-historicos/>. Acesso em 29/05/2025.



# I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NO SERVIÇO SOCIAL

Resumidamente, apresentamos alguns resultados alcançados até o momento.

A pesquisa recupera o termo “ginga” para ilustrar como Moura atuava no período a ser analisado.

Recorremos à tese de Mariana Fonseca, que reuniu depoimentos de vários mestres de capoeira sobre a definição de ginga. A conclusão é a seguinte:

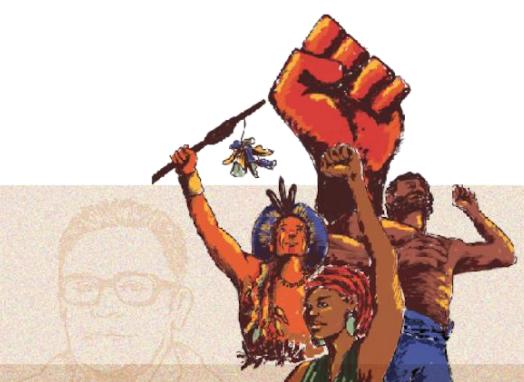
De acordo com as respostas dadas pelos mestres, enumeramos os atributos da ginga: a movimentação constante usada com o objetivo de enganar o oponente, driblar, confundir, possibilitar a fuga e ao mesmo tempo projetar um ataque, não ser um alvo fácil. Usado inicialmente para disfarçar a luta em dança; é também negociação, é diplomacia, evita o conflito direto; é o que dá beleza ao jogo, dá leveza à luta; é o momento em que o jogador mostra suas habilidades em dissimular e assim, pode fazer com o que o oponente “abra as guardas”, permitindo que se vença o jogo. Elemento ambíguo, malicioso, que determina a vitória (FONSECA, 2017, p.177).

Nas trilhas e nos embates dos movimentos negros - com destaque para década de 1970 e 1980

- consideramos que Clóvis Moura “gingava” hábil e criticamente diante da vigilância e da perseguição do regime ditatorial. Essa “ginga” é aqui ressignificada como a práxis antirracista desse autor diante da vigilância dos órgãos oficiais de repressão do Estado.

O debate de Moura sobre a sociologia brasileira já apontava a necessidade de superação da “questão social e racial” do negro:

como se pode ver, não quero que exista uma sociologia *negra* no Brasil, mas que os cientistas sociais tenham uma visão que enfoque os problemas étnicos do Brasil a partir do negro, pois até agora, com poucas exceções, o que se vê é uma ciência social que procura abordar o problema através de uma pseudo-imparcialidade científica que significa, apenas, um desprezo olímpico pelos valores humanos imbricados na problemática estudada por eles. Não observam, dessa maneira, que seus conceitos teoricamente corretos (dentro da estrutura conceitual da sociologia acadêmica) coloca-os “de fora” do problema, e, portanto, não penetram na sua essência, são anódinos, inúteis, desnecessários à solução da questão social e racial do negro e, por isso mesmo, são frutos de uma ciência sem práxis e que se esgota na ressonância que o autor desses trabalhos obtém no circuito acadêmico que faz parte (MOURA, 2019, p.33).



# I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NO SERVIÇO SOCIAL

Se por um lado Clóvis Moura era ignorado nos circuitos acadêmicos, para o Estado repressor já era considerado uma ameaça. Antes da ditadura, Clóvis Moura já era monitorado pelos agentes de segurança e informação:

Clóvis Moura, segundo informação do DEOPS [Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo] já era conhecido deste órgão desde 1952 por ter sido diretor de uma revista comunista, *Flama*, de Araraquara. Desde a década de 1950, Clóvis Moura fora constantemente monitorado pelos órgãos de informação e segurança, tendo correspondências examinadas (KOSSLING, p.96, 2007).

Com o regime de exceção, ele não recuaria. Temas como a teoria do “branqueamento” e a “democracia racial” foram abordados numa entrevista para a *Revista IstoÉ*, na edição do dia 17 de maio de 1978, conforme registro do arquivo do Serviço Nacional de Informações (SNI) do sistema SIAN:

*IstoÉ*: - O que vocês pensam da democracia racial brasileira?

- (Clóvis Moura): - O problema da democracia racial no Brasil é um dos grandes blefes da estrutura dominante no Brasil (...) No Brasil, em determinados momentos, houve, portanto, necessidade de se criar dobradiças amortecedoras para o não-aparecimento de uma consciência étnica e de classe do negro. Se isto acontecesse, os negros tomariam o poder, como tomaram no Haiti. Então se cria uma ideologia racial que diz o seguinte: além do negro, tem o mulato (um termo pejorativo que vem de mulo que é o cruzamento do jumento com a égua), tem o moreno claro, tem o moreno escuro, tem o moreno-jambo. O negro nos EUA era negro porque ele não tinha sequer a possibilidade de opção, então ele sabe que é negro ou mulato, mas ele é. O chamado mulato no Brasil é negro nos EUA. O tipo de ideologia seguinte: o negro é considerado igual ao branco, mas apenas na medida em que o branco considera que ele possa partir de um degrau da escada, e só sobe na medida em que o processo de peneiramento da sociedade dominante permite que ele suba. Ele só sobe individualmente, não sobe massivamente (MOURA, 1978, p.42)

Perguntado como articular a luta de classes e o combate ao racismo, Moura emendou:

*IstoÉ*: -Luta de classes ou luta de raça?

- (Clóvis Moura) Eu acho que tem que ficar bem claro o seguinte: todos os grupos que desenvolvem um trabalho ligado ao povo brasileiro, na medida em que eles negam essa questão do negro, do elemento inferiorizado pela sociedade branca, estão de pleno acordo com a classe dominante. Porque na realidade, o negro nunca vai se sentir seguro de participar deste Movimento enquanto não for colocada a sua situação (Idem, p.43)



# I SEMINÁRIO: FORMAÇÃO ANTIRRACISTA NO SERVIÇO SOCIAL

## CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Nesse sentido, de forma sucinta, o trabalho que vem sendo desenvolvido com a correlação das fontes primárias enunciadas acima, juntamente aos estudos de autoria de Clóvis Moura, sinaliza para a compreensão da centralidade da “questão étnico racial” no debate da “questão social”, no Brasil. E mais: só a evocação da luta de classes, entre proletariado e burguesia, excluindo a historicidade das rebeliões indígenas, quilombolas e negras – como a luta contra todas as formas de opressões - não é suficiente para dimensionar os desafios da superação do capitalismo.

Além disso, permite uma ampliação da memória da resistência à ditadura, apreendendo e aprendendo como os movimentos e as manifestações antirracistas influíram na derrota daquele regime, fato que muitas vezes é negligenciado e silenciado por uma memória demarcada pelo privilégio da branquitude, como alerta Grosfoguel<sup>4</sup> (2023, p.187): “o privilégio da branquitude cega e impossibilita a maioria dos brancos de pensar a partir do pensamento crítico que produzem os negros”.

### Referências

- FONSECA, Mariana Bracks. *Ginga de Angola: memórias e representações da rainha guerreira na diáspora*. Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social. São Paulo, 2018.
- GROSFOGUEL, Ramon. *Negros marxistas ou marxismos negros? Uma visão decolonial*. In *Lutas Sociais*, v. 27 n. 51 (2023): A práxis de Clóvis Moura.
- KOSSLING, Karin Sant'Anna. *As lutas antirracistas de afrodescendentes sob vigilância do DEOPS/SP*. Dissertação de Mestrado em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, (FFLCH). São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2007.
- MOURA, Clóvis. *Entrevista concedida à Revista IstoÉ*, 17 de maio de 1978. In Arquivo Nacional. Fundo do Serviço Nacional de Informação. *Dossiê Racismo Negro no Brasil*. 30/05/1978. Disponível em: BR\_DFANBSB\_V8\_MIC\_GNC\_AAA\_78111854\_d0001de0001.pdf.
- \_\_\_\_\_. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

<sup>4</sup> Publicado originalmente na revista *Tábula Rasa*, n. 28, 2018 e traduzido por Eric Silva Sampaio para a revista *Lutas Sociais*, v. 27 n. 51 (2023): A práxis de Clóvis Moura.

